

# Novas tecnologias e o ensino de Jornalismo\*



Carlos Costa

Doutor em Ciências da Comunicação (ECA-USP)  
Coordenador de Ensino de Jornalismo e  
professor da Faculdade Cásper Líbero  
E-mail: carlos.costa@facasper.com.br

**Resumo:** O 4º Encontro Paulista de Professores de Jornalismo, realizado na Faculdade Cásper Líbero, teve como tema o ensino de Jornalismo diante do desafio das novas tecnologias. Já a Semana de Jornalismo da Cásper Líbero, realizada na continuação, debateu a prática do jornalismo hoje, buscando responder se os meios de comunicação cumprem seu papel: numa série de palestras e debates, convidados de diferentes setores da sociedade apresentaram suas visões e questionamentos sobre o desempenho da imprensa, apontando a que entendem que o curso de Jornalismo deve estar atento para formar profissionais que “dêem conta do recado”.

**Palavras-chave:** ensino de jornalismo, novas tecnologias, matrizes curriculares, atuação dos meios.

## *Nuevas tecnologías y la enseñanza de periodismo*

**Resumen:** Con la temática de la enseñanza de periodismo hoy frente a los desafíos de las nuevas tecnologías, el 4º Encuentro de Profesores de Periodismo del Estado de São Paulo se realizó en la Faculdade Cásper Líbero a mediados de octubre. A la continuación, la Semana de Periodismo de la misma escuela puso en discusión la práctica del periodismo hoy, buscando respuesta a la pregunta si los medios cumplen su papel frente a la sociedad. En seis charlas y debates, atletas, dirigentes deportivos, empresarios, artistas, jueces, lanzaron una mirada crítica desde su punto de actuación sobre el trabajo del periodismo en hacer la mediación con la sociedad.

**Palabras clave:** enseñanza de periodismo, nuevas tecnologías, directrices curriculares, actuación de los medios.

## *New technologies and the journalism teaching*

**Abstract:** The 4<sup>th</sup> Meeting of Journalism Professors from the State of São Paulo, held at Faculdade Cásper Líbero, had as subject the Journalism education facing the challenge of the new technologies. Then, the Faculdade Cásper Líbero's Journalism Week, held subsequently, has discussed the journalism practice nowadays, trying to answer if the media fulfill their role: in a series of lectures and debates, guests from different sectors of the society presented their views and raised questions on the press performance, showing points that the Journalism graduation should observe to form professionals who could handle well on their paths.

**Key words:** journalism teaching, new technologies, curricular programs, media performance.

**D**ebater e refletir sobre o ensino de Jornalismo diante do desafio das novas tecnologias foi o tema do 4º Encontro Paulista de Professores de Jornalismo, realizado este ano na Faculdade Cásper Líbero, em São Paulo, dias 17 e 18 de outubro, tendo como um de seus organizadores o professor Erivam Moraes de Oliveira, da Cásper. Com o título “As novas tecnologias como suporte no ensino de Jornalismo”, o encontro precedeu a Semana de Jornalismo 2008, organizada pela Coordenadoria de Jornalismo da faculdade. A seguir, um condensado de palestras e apresentações dos dois eventos.

## 1. O Encontro Paulista de Professores de Jornalismo

O encontro abriu na tarde do dia 17 de outubro com a reunião dos coordenadores de cursos de Jornalismo de todo o Estado para debater o tema da necessidade do curso de Jornalismo para a formação de profissionais da área, um dos assuntos na pauta, a partir

\* Texto criado com a colaboração das coberturas realizadas pelos alunos Ana Paula de Deus, Camila Mendonça, Cristiane Nascimento, Daniella Cornachione, Danilo Braga, Gabriela Rocha, Gabriella de Lucca, Lígia Gauri, Lucílio Correia, Lívia Maria Lucas, Mariana Brasil, do Curso de Jornalismo da Faculdade Cásper Líbero.

de iniciativas do Ministério da Educação. A palestra de Eugênio Bucci, jornalista, doutor em Ciências da Comunicação e professor da Escola de Comunicação e Artes da USP, tratou exatamente disso.

### 1.1 Diploma, formação do jornalista e ética

Foi esse o título da palestra em que Bucci defendeu a ênfase na formação profissional como meio de enfrentar a nova realidade do mercado de comunicação. Não há dúvida, disse ele, de que o diploma historicamente representou uma elevação do padrão profissional. Entretanto, no horizonte futuro, ele não aparece como documento indispensável ao exercício da profissão. Até grandes defensores da obrigatoriedade do diploma, como o professor José Marques de Melo, reconhecem que a importância do diploma tende a ser menor do que a relevância da formação profissional. E o exemplo de outros países mostra que não é pela obrigatoriedade do diploma que o curso se torna uma formação essencial. Ao contrário, o curso de Jornalismo nasceu na Universidade de Columbia, EUA, como resposta à carência de formação dos repórteres e editores que, em meio aos intelectuais presentes nas redações desde então, eram relegados à condição de um ofício menosprezado e meramente técnico:

*É preciso considerar que desde 1912, quando Columbia abriu o primeiro curso de Jornalismo da história (um ano após a morte de Joseph Pulitzer, idealizador da escola), o mercado – para o qual os alunos daquele e dos outros cursos que surgiram depois são preparados – sofreu transformações violentas. O modelo de negócios da imprensa tradicional, alicerçado nas verbas de seus anúncios e circulação paga, foi absorvido por um modelo incomparavelmente maior, o da indústria de entretenimento, com conglomerados muitas vezes financeiramente maiores do que a economia de alguns países. O negócio da informação se tornou um entre tantos negócios desses conglomerados do entretenimento.*

Ao mesmo tempo, com esse novo panorama, os suportes da velha mídia foram transformados, parecendo hoje mais uma

rede de vasos comunicantes com uma circulação sanguínea comum. No entanto, lembra Bucci, continuamos a ministrar em nossas escolas cursos de Jornalismo impresso, radiofônico, televisivo e *online*, como se nada estivesse acontecendo lá fora, como se a convergência não fosse uma realidade. “É comum que o repórter saia da empresa, passe por uma reciclagem e vá depois para a sala de aula numa escola de comunicação e diga: ‘A reportagem se faz assim’, quando deveria no mínimo estar dizendo ‘no meu tempo a reportagem se fazia assim’. O passado não dá conta de como as coisas acontecem agora.” As velhas nomenclaturas (Jornalismo impresso, radiofônico, televisivo) perdem sentido diante da nova realidade digital.

Para Bucci, a responsabilidade da imprensa como mediadora do debate público e a concepção ética que se impõe nesse debate pedem uma pergunta direcionada para o futuro: “O jornalismo será essencial ou a sociedade poderá se comunicar e debater sem a presença de um profissional como o jornalista?”

*O jornalista continuará figura indispensável à sociedade, mas não na forma do profissional que conhecemos hoje. Embora o fluxo das informações da sociedade necessite da organização da imprensa como a conhecemos, a atuação do jornalista como gatekeeper já não se justifica. Pois as informações não mais dependem dos meios convencionais de comunicação para chegar ao público.*

Entretanto, ao mesmo tempo em que ocorre essa mudança estrutural no fluxo da informação, há uma valorização das marcas tradicionais do jornalismo que Bucci atribui à reputação e credibilidade conquistadas junto à sociedade. Ele alerta que “o que forma a sociedade civil hoje é o espaço comunicacional”. E conclui:

*Se esse espaço se dilui dentro de um mercado milionário, cabe a pergunta se resta ainda uma dimensão pública, independentemente do mercado. Enquanto as novas redes horizontais de comunicação trazem novos hábitos de consumo e formas de atuação política, altera-se o espaço do debate*

*público e o lugar do jornalismo torna-se momentaneamente incerto. Sua função social de mediar o trânsito de idéias encontra-se numa fase de rearranjo, cujo alcance não somos capazes de projetar.*

## 1.2 Novas tecnologias e desafios para o jornalismo

A primeira palestra, após a abertura oficial do 4º Encontro Paulista de Professores de Jornalismo, foi a entusiasmada aula ministrada pelo professor Sérgio Amadeu da Silveira. Doutor em Ciência Política e docente da Pós-Graduação da Cásper Líbero, o palestrante é um dos maiores *experts* em novas tecnologias no Brasil. Ele discorreu sobre conceitos do mundo digital e seu impacto nas formas de comunicação.

As tecnologias determinam a realidade social? Ou são neutras? Castells dá uma resposta. Para ele, a tecnologia não determina a sociedade, nem a sociedade escreve o curso da transformação tecnológica, uma vez que muitos fatores, inclusive a criatividade, intervêm no processo de invenção científica. Na verdade, o dilema do determinismo tecnológico é provavelmente um problema infundado, dado que a tecnologia é a sociedade, e a sociedade não pode ser entendida ou pensada sem suas ferramentas tecnológicas.

Para Lévy, uma técnica é produzida dentro de uma cultura, e uma sociedade encontra-se condicionada por suas técnicas. John Thompson defende que só poderemos entender o impacto social do desenvolvimento das novas redes de comunicação e do fluxo de informação, se pusermos de lado a idéia, intuitivamente plausível, de que os meios de comunicação servem para transmitir informação e conteúdo simbólico a indivíduos cujas relações com os outros permanecem fundamentalmente inalteradas.

A assimilação social e o uso das tecnologias da informação reconfiguram as práticas comunicacionais. Assim, a metalinguagem digital libertou o conteúdo dos seus suportes, pois, como lembra Lévy, “digitalizar uma informação consiste em traduzi-la em números”. Sérgio Amadeu explica:

*O digital liberou o som do vinil, o texto do papel, a imagem da película. A digitalização crescente dos bens simbólicos é a base tecno-social que fulmina de modo desigual todas as áreas da indústria da intermediação. A digitalização é a base socio-técnica para a reunificação das artes e das ciências, separadas desde o Renascimento e distanciadas pela especialização capitalista do trabalho. Ela facilitou a expansão das redes informacionais.*



*Os fãs praticam aquilo que Willian Gibson afirmou ser a característica fundamental da cibercultura, a remixagem, a criação cambiante*

As redes são formas de comunicação e organização extremamente flexíveis. Elas são a base da cibercultura, e a cibercultura é remix (Gibson). As redes digitais resgatam e recolocam as práticas recombinantes como relevantes e vitais para a criatividade. Observem a atividade dos fãs, diz o professor. Ele citou os três principais sites de *funsubs* brasileiros para o compartilhamento de arquivos e, a seguir, discorreu sobre a importância do uso justo das obras cercadas pelo *copyright*, analisando o caso dos *fanfics*.

Os fãs têm sido um segmento mais ativo do público midiático (Jenkins): são grupos que ganharam força com as redes digitais e praticam aquilo que Willian Gibson, como adiantado, afirmou ser a característica fundamental da cibercultura, a remixagem, ou seja, a criação recombinante. *George Lucas in Love* é uma paródia de *Shakespeare Apaixonado* com *Star Wars*, produzida por Joe Nussbaum, um jovem estudante da Universidade do Sul da Califórnia, a mesma escola onde Lucas estudou. Outro exemplo dado pelo palestrante foi o filme *Star Wars Revelations*, produzido por Shane Faleux, um dos trabalhos mais aclamados do movimento.

Ou as criações dos fãs de Harry Potter, que geraram incontáveis relatos de “empoderamento” juvenil. Jenkins lembra que, tradicionalmente, os artistas jovens aprendiam com os mestres, às vezes colaborando nas obras dos artistas veteranos, seguindo seus padrões antes de desenvolver seus próprios estilos. Isso mudou.

*O jornalismo é afetado pela expansão das redes. O próprio conceito de notícia está em disputa. E o poder de definir o que é notícia foi reduzido*

Sérgio Amadeu citou ainda Walt Disney, que, embora não se costume pensar nisso, copiou e recombinau diversos contos dos irmãos Grimm, que por sua vez recontaram histórias populares. Para exemplificar como a hipertextualização estimula a recombinação e que as redes digitais são multidirecionais, baseadas na interatividade e estimulando a participação, ele exibiu gráficos das maiores audiências da web, segundo a Alexa (The Web Information Company): Yahoo, Google, Youtube, Windows Live, Facebook, MSN, Myspace, Wikipédia, Blogger e Yahoo-Japão formam o time das dez maiores audiências. São quatro mecanismos de busca, três repositórios de conteúdo, duas redes sociais, um comunicador instantâneo. O que mostra o quanto a web está ativa na criação de novos conteúdos. Desse movimento “emergem na rede interfaces que estimulam a participação ativa das audiências”:

*Os arranjos comunicacionais baseados na liberdade da rede permitem a criação livre de conteúdos + formatos + tecnologias. As arquiteturas descentralizadas e distribuídas da rede alteram completamente a esfera pública. Dominada pelos mass media, a esfera pública vai se transformando em*

*uma esfera pública interconectada. Qual seria a diferença entre as duas esferas públicas? Segundo Yochai Benkler, 1) caiu o custo para se tornar um falante; 2) as arquiteturas distribuídas facilitam a liberdade de expressão.*

Para concluir, o jornalismo é afetado pela expansão das redes digitais interativas que estimulam a participação dos cidadãos. Estes, ao usar as tecnologias, disputam a agenda social e o controle da informação. O próprio conceito de notícia está em disputa. O poder de definir o que é notícia foi reduzido.

### **1.3 As novas tecnologias: currículo e sala de aula**

O segundo dia do encontro começou com o debate sobre “As novas tecnologias nas matrizes curriculares em Jornalismo”, entre os professores Daniela Ramos (Cáspier Líbero), Caio Túlio Costa (Cáspier Líbero) e Marcelo Lopes (Mackenzie). Na sequência, o painel “As novas tecnologias na sala de aula: desafios para os docentes” teve a presença dos professores Belarmino César Guimarães da Costa (Unimep) e Maria de Los Dolores Jimenez Peña (Mackenzie), mediados por Eugênio Menezes (Cáspier Líbero).

#### *Novas tecnologias nas matrizes curriculares*

Embora os debatedores tenham sido unânimes na questão da urgência de uma revisão curricular que contemple disciplinas para suprir a necessidade do aprendizado e prática das novas tecnologias, o que deu o tom foi a ênfase no ensino humanista: formar profissionais pensantes, capazes de refletir sobre a realidade em que atuam, foi o recado desse encontro.

Professora de Novas Tecnologias da Comunicação na Cáspier, Daniela Ramos desenhou o cenário atual, mostrando o decálogo do grupo que mantém o blog 233grados.com, do especialista espanhol Mario Tascón. A seguir, apresentou as áreas de domínio de um jornalista que trabalha nas novas mídias: ter noções básicas de softwares como o Flash (Adobe Flash Player), linguagens como CCS, XML e HTML, além de conhecimento das

técnicas de SEO (Search Engine Optimization) ou posicionamento em buscadores. Outro domínio lembrado pela professora é o da lógica e uso das redes sociais. Como exemplo e sugestão aos que desejam se aperfeiçoar, Daniela citou o blog do professor da Faculdade de Comunicação da Universidade de Navarra, José Luis Orihuela.

“Hoje a informação fica mais visível, as pessoas podem opinar em seus blogs”, disse a pesquisadora, para quem os jornalistas não deveriam achar ruim o fato de os leitores estarem mais ativos. Sobre isso, ela cita Jean-François Fogel, assessor executivo do *Le Monde*: “A audiência de qualidade não abre mão de uma atitude ativa: ‘Eu faço, eu busco, eu encontro e vou utilizar ou não esta informação’”. Pelo contrário, quanto mais espaço leitores, telespectadores, ouvintes e internautas tiverem, melhor será para o jornalismo.

O diferencial do trabalho profissional de jornalistas e o de outras pessoas é o refinamento da informação dos primeiros. “Todo mundo pode ter blog porque o blog é ferramenta, pode ser jornalístico ou não”, explicou. “Jornalismo não está só no produto.” A debatedora lembrou ainda dos cinco princípios das novas mídias, pensados pelo professor de Artes Visuais da Universidade da Califórnia, Lev Manovich: representação numérica (nas páginas virtuais, conteúdo vira 00, 01), modularidade (espaços determinados para imagens e textos), automação, variabilidade (conteúdos podem ser customizados) e transcodificação (os objetos das novas mídias podem ser traduzidos para outros formatos).

Os professores do curso de Jornalismo muitas vezes se esquecem de continuar a “aprender a aprender”. E acabam transmitindo aos alunos um cenário “imutável” do jornalismo. Nada mais anacrônico, concluiu Daniela.

Já em sua intervenção, o professor Marcelo Lopes, da Universidade Mackenzie, comentou como o jornalismo cobre o cotidiano e reproduz o ritmo da vida: se esta acelera, aquele acelera também. E o modo como se faz a vida também se impõe à tecnologia, tecnologia que hoje permite ao jornalismo

acompanhar a velocidade da sociedade. “Algumas coisas no jornalismo mudam com as tecnologias, outras não mudam e outras se aperfeiçoam”, disse. “Pauta e apuração independem do meio.”

Se a mudança dos tempos atinge a tecnologia e o jornalismo, não haveria razão para não atingir também os cursos de Jornalismo. A todo momento surgem novos aparatos, e as matrizes curriculares, que, segundo Marcelo Lopes, trabalham em cima de suportes, como no caso das disciplinas de Telejornalismo, precisam acompanhar essas novidades, se o objetivo for formar jornalistas preparados para a rotina. “Não é rádio, é áudio; não é tele, é vídeo; não é impresso, é texto, é foto; não é internet, é áudio, vídeo, texto e foto”, explica o professor. “Não é jornalismo, é um processo intelectual de mediação cultural.” Para Lopes, o jornalista hoje deve saber conceituar o mundo, traduzir “conhecimento empírico do mundo em conteúdo simbólico” na rede. “O que acontece não importa, importa o que significa o que acontece.”

O terceiro palestrante, Caio Túlio Costa, diretor presidente do iG e professor de Ética Jornalística da Cásper, fez sugestões de disciplinas para uma grade curricular em harmonia com o que as redações do mundo exigem de seus profissionais. “O mundo nos atropelou, e o próprio mercado cria maneiras de suprir o despreparo dos jornalistas”, afirmou. Após realizar uma breve digressão sobre a necessidade de ensino humanista e a separação do curso técnico, conceituando a questão do ofício – “Jornalismo é um ofício” –, ele passou a detalhar as necessidades. Citou o exemplo da redação do *New York Times*, totalmente multimídia – com prédio multimídia e redações integradas arquitetônica e conceitualmente. Deu o exemplo das empresas que não souberam ainda como trabalhar as novas tecnologias (Time Warner e Abril), das que ainda estão buscando integração (Abril, Globo) e das que souberam integrar (News Corp., Folha). Depois, falou das empresas de mídia puras em novas tecnologias, como Google, MSN, Yahoo.

Feita essa panorâmica, entrou na discussão das matrizes curriculares (partindo do pressuposto de que o estudante saiba português e inglês). Caio Túlio pensa numa grade com um curso sobre modernismo e pós-modernismo – que explique o individualismo (Bauman, Maffesoli, Guattari-Deleuze, Jameson) e que aborde a desagregação da esfera pública e a onipresença da mídia (Habermas, Debord, Ianni, Negroponte, Castells), a emergência da interação (Gilmore, Jenkins, Meyer) e a superação da comunicação unidirecional (Dan Gillmor, Jenkins). Numa segunda vertente, o professor desenhou um curso sobre a história das novas mídias (baseado em autores como Katie Hafner, Mathew Lion, Noah Wardrip-Fruim, Nick Montfort, George Gilder e Yochai Benkler), história e realidade das redes sociais e importância dessa mídia na criação de conteúdo espontâneo e de conteúdo cidadão (Gillmor, Spyer).

A terceira vertente seria um curso sobre a virada lingüística, a imagem como mercadoria, sociedade do espetáculo (Bakhtin, Wittgenstein, Adorno/Horkheimer, Debord, Deleuze-Guattari). Um outro curso de economia da nova mídia versus a economia da velha mídia (Benkler, Stiglitz) abordaria a importância da questão da assimetria na comunicação, a importância do mercado de telecomunicações para a mídia digital (Stiglitz) e a importância econômica da convergência (Jenkins), além do impacto da nova mídia no negócio tradicional da comunicação (Costa). A abordagem econômica seria completada com um curso de modelos de negócio da nova mídia: publicidade (banners + sponsorlinks), e-commerce, assinaturas, SVAs.

A quarta vertente seria montada com cursos técnicos: a) sobre jornalismo on-line, com capacitação para trabalho multitarefa: texto, áudio, foto e vídeo; b) sobre design, usabilidade e hierarquia de informação em diferentes monitores (computador, plasma, telas grandes) e microtelas (celulares, palms, smartphones); c) database, database marketing e a importância da indexação e da taxonomia (termo vem da biologia, é a ciência que lida com a descrição, identifica-

ção e classificação dos organismos); d) SEO (Search Engine Optimization, ferramenta indispensável para a visibilidade do jornalismo online e geração de audiência espontânea) e SEM (Search Engine Marketing, ferramenta indispensável para a geração de audiência não espontânea).

A proposta finaliza com um curso de ética na nova mídia e com a recomendação do uso do blog como ferramenta de laboratório multimídia multidisciplinar.

#### *Novas tecnologias na sala de aula*

Saber utilizar a web não basta, tem que haver mudança de metodologia – foi esse o consenso dos debatedores do segundo painel. “Só se justifica a utilização de novos meios quando esses possibilitam produzir coisas impossíveis ou novas.” A frase da professora Maria de Dolores Jimenez Peña, da Universidade Mackenzie, marcou o tom da discussão sobre novas tecnologias aplicadas ao ensino, realizada no final da manhã do dia 18 de outubro, com a participação, além da professora Peña, do professor Belarmino César Guimarães da Costa, da Unimep.

É indiscutível o impacto que a internet e as ferramentas associadas a ela causaram no exercício jornalístico e, conseqüentemente, em seu ensino. A popularização de blogs, podcasts, wikis e instrumentos de colaboração, além de ampliar o leque de meios de informação, também trouxeram desafios ao professor. “Não dá para não trabalhar com as novas tecnologias, senão ficamos obsoletos”, afirma Peña. No entanto, as mudanças não são fáceis. Os professores de modo geral não conviveram com essas técnicas e adaptar-se a elas e acompanhar suas mudanças demanda disposição. “Não somos nativos digitais, somos imigrantes digitais.”

A professora lembra que a simples inserção de tecnologia nas faculdades não muda o ensino. “A questão, também, é de metodologia. Por que usar a nova tecnologia se a aula do professor continua a mesma?”

“A apropriação das tecnologias tem de estar a serviço da formação humana”, sublinha Belarmino Guimarães. Assim como Peña, ele

acredita que as tecnologias só ganham força quando integradas a uma metodologia diferenciada, mas que continue prezando a formação humanística. “A tecnologia agora é a extensão do humano.”

“A técnica tem de ficar a serviço do pedagógico, e não o contrário”, frisa Peña. Para ela, a utilização de blogs, wikis, vídeos e podcasts como ferramentas no ensino de Jornalismo são essenciais e ajudam os alunos a desenvolver o desapego ao texto, o senso crítico e o trabalho em grupo.

## 2. A Semana de Jornalismo

Refletir sobre a prática do jornalismo hoje e responder se os meios de comunicação estão exercendo seu papel. Foi essa a proposta da Semana de Jornalismo 2008, organizada pela Coordenadoria de Ensino de Jornalismo da Faculdade Cásper Líbero. Uma série de palestras, nos dias 21 a 23 de outubro, trouxe convidados de diferentes setores da sociedade para apresentar sua visão e questionamentos sobre o desempenho da imprensa. A proposta era que artistas, escritores, escultores e músicos debatessem com jornalistas o que acham da cobertura de cultura realizada pelos meios de comunicação. Que atletas e dirigentes discutissem com comentaristas e repórteres esportivos como se dá a cobertura dos esportes. Que empresários e analistas econômicos opinassem sobre as notícias do mundo financeiro e dos negócios. A pergunta, portanto, era se o jornalismo está dando conta de seu papel de mediador entre os fatos e a sociedade – e ao que esses representantes dos diferentes setores entendem que a faculdade deve estar atenta para formar profissionais que “dêem conta do recado”.

### 2.1 Retomada da reportagem

A semana abriu com um debate entre a jovem repórter Gabriela Lian, da equipe do programa de TV *Profissão Repórter*, formada pela Cásper em 2005, e Ricardo Kostcho, da revista *Brasileiros*, repórter especial do portal iG, jornalista há 41 anos. Eles discutiram

os caminhos da reportagem, numa conversa mediada por Igor Fuser, professor de Jornalismo da Faculdade.



“Fazer jornalismo não é gostar de aparecer, é gostar de contar uma história... Só há dois tipos de jornalismo, o bom e o ruim”  
(Ricardo Kotscho)

Gabriela encorajou os alunos ao afirmar: “Sinto que finalmente estou fazendo o jornalismo que gostaria de fazer”, ao comentar seu trabalho no programa de TV que resgata a reportagem como o gênero jornalístico por excelência. Kotscho se disse impressionado com a fala da jovem. “O que mais ouço dos colegas é sobre o desencanto com a profissão, trabalhar muito e ganhar pouco.” Ele reconhece as dificuldades em encontrar espaço, mas com isso descobriu algo importante: “Repórter é uma profissão em que você tem que brigar para trabalhar e para o trabalho sair”.

No relato de ambos, o jornalismo é retratado como uma profissão de muito trabalho, e a reportagem como seu formato de excelência. Kotscho foi categórico:

*Jornalismo não é gostar de aparecer, é gostar de contar uma história. Hoje em dia falam de jornalismo literário, investigativo... isso é modismo. E não gosto, para mim é tudo jornalismo. E só há dois tipos de jornalismo, o bom e o ruim. O primeiro é a reportagem, e o segundo é todo o resto.*

Mais do que “sujar os sapatos”, Gabriela chegou mesmo a ferir os pés. Em sua cobertura do Círio de Nazaré para o *Profissão Repórter*, conta que puxou a corda junto da procissão, descalça. Chegou a Belém do Pará quarenta dias antes da festa, para se acostumar com o calor e realizar a apuração.

*A TV é feita de imagem, tem de estar atento, com a câmera ligada. Muitas vezes viramos a noite apurando e montando tudo. Nós, do Profissão Repórter, resgatamos a reportagem nesse sentido. O corpo cansa, mas a mente fica alerta, e você só sente o cansaço depois de tudo feito.*

*Os veículos atuam muito mais na divulgação do que na análise dos produtos da indústria cultural. E esta pede produtos de fácil assimilação*



## **2.2 Jornalismo Cultural: crítica dá espaço a divulgação**

Uma mesa composta por Eduardo Tolentino (jornalista e diretor de teatro, criador do Grupo Tapa), Manoel Costa Pinto (colunista da *Folha de S.Paulo*), Fábio Cardia de Carvalho (maestro e professor da ESPM) e o poeta Heitor Ferraz, professor de Jornalismo Cultural da Cásper Líbero, discutiu como está hoje a cobertura que a imprensa faz das atividades artísticas.

Manoel Costa Pinto comentou a crise do Jornalismo Cultural, desencadeada pela postura cada vez menos crítica e mais divulgadora das publicações da grande imprensa. Explicou o surgimento e a trajetória da noção de crítica de arte, desde o que considera ter sido seu início, com a Revolução Industrial. Ele atribui ao surgimento da idéia de individualidade o fator crucial para que aparessem os intérpretes da arte:

*Antes a arte seguia modelos estéticos pré-estabelecidos e amplamente conhecidos, pois até a Idade Média havia a imitação, a emulação como ideal. Seguir modelos considerados nobres e produzir conforme códigos já estabelecidos eram os propósitos do artista, até que surgiu a idéia da individualidade que se sobrepõe ao coletivo. Com a perda do caráter imitativo, a arte moderna precisou*

*ser interpretada por especialistas, e o crítico de arte aparece como tradutor dessas produções inovadoras.*

O poeta Heitor Ferraz colocou que o que se discute atualmente é o esvaziamento do tom crítico do Jornalismo Cultural, esboçando um panorama do trabalho jornalístico na área cultural.

O grande ponto de concordância da mesa foi a perda de espaço que a crítica de arte sofreu nas publicações jornalísticas. Os veículos atuam muito mais na divulgação do que na análise dos produtos da indústria cultural, comentaram Fábio Cardia e Eduardo Tolentino. Costa Pinto e Heitor Ferraz se arriscam a atribuir à própria arte a causa pelo fenômeno: com a arte moderna, agora já chamada de pós-moderna, haveria um retrocesso da concepção estética, que, voltando ao ideal medieval, tornar-se-ia fácil de ser consumida e pouco complexa. As características da indústria cultural e os anseios de consumo pedem hoje produtos de fácil assimilação, que proporcionem diversão e entretenimento.

## **2.3 Jornalismo Esportivo: muito além do futebol**

A discussão sobre Jornalismo Esportivo na Semana de Jornalismo teve sucesso de público com mesa cheia. Foram seis convidados: Sérgio Xavier (diretor da revista *Placar*), Fabiana Mürer (atleta), Renata Falzoni (ciclista e repórter), Luiz Fernando Gomes (jornal esportivo *Lance!*), Sebastián Cuatrín (campeão canoísta) e Fernando Solano (Mitsubishi FM), num debate mediado por Celso Unzelte, professor de Jornalismo Básico da Cásper, colunista da revista *Placar* e comentarista do *Loucos por Futebol*, da ESPN Brasil. Um dos assuntos debatidos pelos convidados foi o espaço que a imprensa destina ao futebol, preterindo outras modalidades.

“No futebol, costuma ser o assessor quem escolhe que jogador irá falar, é algo fechado”, disse Fernando Solano, da Mitsubishi FM e professor de Radiojornalismo da Cásper. “Em outras modalidades, é mais gostoso contar as histórias dos atletas.”

Há, porém, o lado das empresas jornalísticas que dependem da venda de seus jornais e revistas. Nas pesquisas realizadas pelo *Lance!*, segundo o editor-chefe do diário, Luiz Fernando Gomes, as pessoas pedem notícias sobre outros esportes, como o judô por exemplo, mas na prática continuam a preferir o conteúdo sobre futebol. Gomes lembrou uma edição em que o tenista Gustavo Kuerten foi capa do jornal. As vendas do *Lance!* ficaram abaixo da média. “As pessoas nas pesquisas dizem uma coisa, mas na prática fazem outra”, considerou. Para ele, a função do futebol é atrair público, como “as lojas Renner e C&A nos shoppings”. Sérgio Xavier, da *Placar*, concorda: “Estamos atrelados à audiência, é assim que se ganha dinheiro”.

E audiência é importante, confirmou o canoísta Sebastián Cuatrín: “Não seria bom para nós se o *Lance!* Quebrasse, porque teríamos um veículo a menos de visibilidade, mas nós, esportistas, gostaríamos que a imprensa abrisse espaço para outros esportes”, afirmou. Sebastián citou o vôlei como exemplo de que a mídia, quando quer, consegue dar destaque a outra modalidade. “Há essa crença de que a cultura do futebol não pode ser quebrada, mas pode, sim.” Ele contou que, nas aulas de canoagem que dá para crianças de periferia, muitas gostam de vôlei e conhecem as regras do esporte.

Renata Falzoni, bike-repórter da Rádio Eldorado e vídeo-repórter da ESPN, considerou que o futebol ganha audiência porque muitas vezes o telespectador não tem outras opções. “O brasileiro gosta de esportes, desde que seja bem filmado e com ação.”

Atleta do salto com vara, Fabiana Mürer criticou os jornalistas que tratam os esportistas como celebridades. “Falam que o Ronaldo vai ser pai, que não sei quem está grávida, isso não é importante para a cobertura esportiva”, disse, “cada assunto tem de estar no lugar certo”. E pediu que a imprensa deixasse de valorizar apenas a medalha de ouro, como se fosse o único assunto em pauta. E que valorizasse mais o esforço do atleta, seja medalhista ou não. “Para o atleta, estar entre os cinco melhores do mundo em sua catego-

ria é muito importante, independentemente de conseguir a medalha de ouro.”

## 2.4 Jornalismo e Justiça: delicada relação

Para discutir o tema Jornalismo e Direito, área em que a mídia muitas vezes revela despreparo para coberturas equilibradas, foram convidados o desembargador do Tribunal de Justiça de São Paulo, Augusto Francisco Mota Ferraz de Arruda, a juíza Carolina Nabarro Munhoz Rossi, também do TJSP e responsável pela área de mídia da Escola Paulista de Magistratura, o promotor de Justiça Marcio Fernando Elias Rosa e o repórter investigativo da Rádio Bandeirantes, Agostinho Teixeira. A mesa foi coordenada pelo professor Edson Flosi, jornalista e advogado.

A imprensa não precisa ser inimiga da Justiça, e o juiz deve trabalhar em conjunto com ela, desde que esta realize um trabalho ético e investigativo, foi o tom da fala de Carolina Nabarro. Para ela, o ideal seria que o jornalista “se colocasse no lugar do outro”, a fim de evitar erros. Ela apontou a falta de preparo dos jornalistas quanto a preceitos e termos jurídicos. Além de criticar excessos, enfatizou que o caráter empresarial da imprensa, que ao visar o lucro às vezes o sobrepõe à preservação dos direitos inerentes a toda pessoa, como a privacidade.

O desembargador Augusto de Arruda discorreu sobre o objetivo comum do jornalista e do magistrado: a busca da verdade. Numa visão crítica da sociedade de consumo em que vivemos, ele considera que a notícia se transformou em mercadoria e, por isso, a idoneidade dos resultados do trabalho jornalístico é constantemente questionada. Arruda considerou o trabalho conjunto entre a Justiça e a imprensa, mas frisou a diferença entre os ofícios: “O juiz busca fazer justiça entre as partes litigantes e o jornalista se preocupa com a verdade”.

“Para a imprensa, o que é fato jornalístico, para nós, é jurídico, processual. E essas perspectivas levam a repercussões diversas”, disse o promotor de Justiça Marcio Fernando Elias Rosa. Para ele, a diferença de linguagem entre as duas áreas deve ser respeitada e,

nesse sentido, seu dever como promotor é de ser transparente, “o que não significa renunciar à linguagem e cuidados técnicos”.

O repórter Agostinho Teixeira, representante da imprensa no debate, defendeu o ofício. O radialista concordou com erros cometidos em coberturas jornalísticas, mas reclamou que estes ganhem maior notoriedade que os acertos. Criticou o linguajar jurídico e o distanciamento do Judiciário, afirmando que a falta de contato direto com juízes e promotores dificulta o trabalho do jornalista e pode explicar alguns dos erros tão criticados pelos juristas.

A recente repercussão do crime ocorrido em Santo André (o “caso Eloá”) esteve entre os assuntos do debate. Carolina Nabarro questionou até que ponto a divulgação excessiva desses casos atrapalha ou ajuda no desfecho. Para Augusto Arruda, a notícia vai deixando para trás a verdade, uma vez que ela é exaurida por opiniões e discussões que se distanciam dos fatos concretos.

### 2.5 Cobertura econômica sob crítica

Apuração precária e erro de informação comprometem a cobertura de economia. Essa foi a tônica do debate sobre Jornalismo Econômico. Após uma palestra magistral do professor Rolf Kuntz, editorialista do jornal *O Estado de S. Paulo*, seguiu-se a discussão entre João Villaverde, repórter do jornal *Valor Econômico*, e Alcides Leite, professor de Economia e Mercado Financeiro da Trevisan Escola de Negócios, mediada por Rodolfo Amstalden, professor da disciplina Jornalismo Econômico da Cásper Líbero.

Kuntz enfatizou a precariedade da apuração realizada pela maioria dos jornalistas da área econômica. Afirmou que, para evitar interpretações incorretas nas reportagens, é necessário que “o autor tenha familiaridade com o tema para captar detalhes relevantes”. Ele se referiu ao que chamou de “doença típica do Jornalismo Econômico contemporâneo”: o financeirismo, ou seja, as notícias são produzidas por meio de fontes provenientes do mercado financeiro. Como exemplo dis-

so, argumentou que, “embora a bolsa brasileira não seja tão importante para economia nacional, as oscilações do índice Bovespa são tomadas pelos jornalistas como se retratassem com fidelidade o quadro da produção, do consumo e do investimento do país”.

No debate que se seguiu, comentando a credibilidade do discurso oficial do governo, Villaverde disse que “certos discursos oficiais são seguidos e existe tratamento diferencial pela imprensa para declarações de Henrique Meirelles, presidente do Banco Central, e de Guido Mantega, ministro da Fazenda”. Essa distinção, segundo o repórter, produz informações contraditórias e informam mal o leitor.

Alcides Leite, mesmo concordando com as críticas feitas por Kuntz e Villaverde, entende que “o Brasil tem um jornalismo de excelência na área econômica”. A melhora qualitativa e técnica da imprensa, “com colunas especializadas, boas informações gráficas e acesso ao extenso banco de dados”, foi elogiada por ele.

Com melhorias, mas ainda deficiente, a cobertura de temas econômicos, assim como a de qualquer outra área, exige que o repórter aceite “tomar sol e chuva, sair a campo e não só ficar no telefone dentro da redação”, alerta Rolf Kuntz.

### 2.6 Jornalismo e voz dos excluídos

As realizações e pautas de luta dos grupos e minorias costumam ser ignoradas pela grande mídia. Ela não mostra, não dá voz, ignora. Discutir a atuação da imprensa com os que não têm voz e vez foi o tema do último encontro da Semana de Jornalismo. Os convidados Silvio Amorim (coordenador da Associação dos Moradores e Mutuários do Conjunto Santa Etelvina e Adjacências, líder comunitário no bairro Cidade Tiradentes, da periferia da capital paulista), Juarez Tadeu de Paula Xavier (diretor do Curso de Comunicação Social da UniverCid e especialista em questões de afrodescendência), César Xavier, dirigente do grupo GLBT (Gay, Lésbicas, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros),

Chico Nunes, criador do Café Filosófico e professor da Cásper, discutiram sob a coordenação de Gilberto Maringoni, professor da Cásper Líbero.

O Dr. Juarez Xavier discorreu sobre conceitos que permeiam a “mídia radical”, que muitas vezes cumpre o papel cabível a órgãos públicos e que, com isso, coloca em pauta questões ignoradas pela grande mídia. “Ao não cobrir o que acontece nos extremos da cidade, a imprensa retira do leitor a possibilidade de compreensão da realidade que o cerca”, apontou. Sobre a diferença entre mídia alternativa e a mídia radical, Juarez considera que a primeira se mostra apenas como nova proposta do fazer jornalístico, enquanto a segunda busca uma atuação mais crítica, sugerindo mudanças em relação a todo o sistema.

Silvio Amorin relatou as dificuldades que a população de Cidade Tiradentes, onde vive e atua há 15 anos, enfrenta. “Temos ali 350 mil jovens sem biblioteca, sem cinema – e isso a mídia não mostra”, protestou. O líder comunitário criticou o abuso que meios de comunicação e intelectuais praticam com as comunidades carentes, ao retratar o cotidiano em reportagens, teses e documentários: “Eles só mostraram uma face violenta e miserável. Periferia não é só isso.” Em tom emocionado, denunciando o desprezo que a eles é direcionado pelos donos do poder, completou: “Não passa de uma exploração

da miséria e violência para impactar e conseguir audiência. Reproduzem uma visão estereotipada e equivocada da comunidade. Nós temos que dar voz a quem está engasgado há quase 500 anos neste país”.



*“A mídia não mostra a vida real dos excluídos da periferia. Só mostra uma face violenta e miserável. Periferia não é apenas isso”  
(Silvio Amorin)*

César Xavier, do GLBT, falou sobre o movimento gay, destacando que a Parada Gay, realizada todos os anos na Avenida Paulista, é apenas uma das estratégias do movimento: “Ela é um evento que consegue atrair a mídia como poucos.”

Chico Nunes expôs os inúmeros projetos sociais e culturais promovidos com o apoio da Faculdade Cásper Líbero, como os grupos Dandara, Cultará e os Cafés Filosóficos realizados no Parque Trianon. “Nós priorizamos as reflexões temáticas, que também possibilitem aos alunos o contato com lideranças e intelectuais”, finalizou.

## Referências

- ADORNO, Theodor e HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1985.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da comunicação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BARBOSA, Suzana. *Jornalismo digital em base de dados (JDBD): um paradigma para produtos jornalísticos digitais dinâmicos*. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Bahia (UFBA), maio 2007. Disponível em [http://www.facom.ufba.br/jol/producao\\_teses.htm](http://www.facom.ufba.br/jol/producao_teses.htm). Acesso em 16/11/2008.
- BAUMAN, Zygmunt. *Ética pós-moderna*. Tradução de João Renzende Costa. São Paulo: Paulus, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Modernidade líquida*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BENKLER, Yochai. *The wealth of networks: how social production transforms markets and freedom*. New Haven/London: Yale University Press, 2006.
- BERTOCCHI, Daniela & SAAD, Elizabeth. *Digital Age 2.0, o reinado do usuário: reflexões a partir de Lessig, Seth Godin, Danah Boyd e mais*. Disponível em: <http://imezzo.wordpress.com/2008/10/04/digitalage20/>. Acesso em 16/11/2008.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999. (*A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*, v.1).
- CORSANI, Antonella. "Elementos de uma ruptura". In: COCCO, Giuseppe; GALVÃO, Alexander; SILVA, Gerardo (Orgs.), *Capitalismo cognitivo: trabalho, redes e inovação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- COSTA, Caio Túlio. *Moral provisória – Ética e jornalismo: da gênese à nova mídia*. Tese de Doutorado. São Paulo: ECA/USP, 2008.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2002.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. 5 volumes. São Paulo: Editora 34, 2007.
- GIBSON, William. *Neuromancer*. São Paulo: Aleph, 1991 (Coleção Zenith: v.5).
- GILDER, George. *A vida após a televisão*. Tradução de Ivo Korytowski. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.
- GILLMOR, Dan. *We the media: grassroots journalism by the people, for the people*. Sebastopol: O'Reilly, 2006.
- HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Tradução de Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.
- IANNI, Otavio. *Enigmas da modernidade do mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- JAMESON, Frederic. *Postmodernism, or the cultural logic of late capitalism (post-contemporary interventions)*. Durham, EUA: Duke University Press, 1991.
- JENKINS, HENRY. *Convergence Culture: where old and new media collide*. New York: NYU Press, 2006.
- KOVACHS, Bill & ROSENSTIEL, Tom. *Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir*. São Paulo: Geração Editorial, 2003.
- MANOVICH, Lev. *El lenguaje de los nuevos medios de comunicación: la imagen en la era digital*. Buenos Aires: Paidós, 2005.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- MAFFESOLI, Michel. *Notas sobre a pós-modernidade: o lugar faz o elo*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004.
- MEYER, Philip. *The vanishing newspaper: saving journalism in the information age*. Columbia (EUA): University of Missouri Press, 2004.
- SPYER, Juliano. *Conectado: o que a internet fez com você e o que você pode fazer com ela*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.
- STIGLITZ, Joseph E. "Information and the change in the paradigm in economics". Prize Lecture, in [www2.gsb.columbia.edu/faculty/jstiglitz/](http://www2.gsb.columbia.edu/faculty/jstiglitz/). 2001. The Cluetrain Manifesto. Disponível em <http://www.cluetrain.com/book/index.html>. Acesso em 10/07/2008.
- THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- WINNER, Langdon. *The whale and the reactor*. Chicago: The University of Chicago Press, 1986.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. Tradução de José Carlos Bruni. São Paulo: Abril Cultural, Coleção Os Pensadores, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Tractatus logico-philosophicus*. Tradução de Luiz Henrique Lopes dos Santos. São Paulo: Edusp, 2001.